

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS – UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS – CESP
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**Relato de experiências sobre os desafios de professores em escolas
ribeirinhas da área de várzea da zona rural do município de Parintins-
AM¹**

Sabrina Jacaúna Ribeiro²
Mônica Xavier de Medeiros³

Resumo:

Este trabalho acadêmico descreve as experiências docentes vividas no cotidiano de uma escola ribeirinha, nomeada Escola Municipal “Gláucio Bentes Gonçalves” localizada na comunidade de São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, área de várzea do Município de Parintins/Amazonas. O propósito do trabalho é relatar os enfrentamentos desafiadores do cotidiano de uma escola de várzea, na qual o fenômeno natural de subida das águas acaba gerando grandes impactos, uma vez que os dias letivos são afetados pelas cheias e influenciam a permanência dos alunos em sala de aula. Além disso, soma-se a escassez de material de apoio didático e pedagógico, a rotatividade de professores e a rotina diária da vida dos alunos e suas famílias. Mas, é válido considerar que essa realidade da escola de várzea, apesar de diferente, é riquíssima de aprendizado e ensinamentos próprios e peculiares desta localidade, que são enriquecidos pela cultura, pelo modo de viver destas famílias. VALLE (2021), SOARES (2015), HAGE (2006), entre outros autores, contribuíram com seus posicionamentos nas obras que referendaram este trabalho.

Palavras-Chaves: Escola de várzea; Comunidades rurais; Parintins;

I. Considerações Iniciais

Este Trabalho de Conclusão de Curso analisa as experiências e desafios de se lecionar em escolas de várzea no Amazonas, especificamente na zona rural do município de

¹ Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura em História/UEA no Centro de Estudos Superiores de Parintins – CESP/UEA como pré-requisito para obtenção do título de licenciado em História.

² Acadêmica do curso de licenciatura em História da Universidade do Estado do Amazonas CESP/UEA.

³ Orientadora. Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP. Professora do curso de licenciatura em História do CESP/UEA. mxmedeiros@uea.edu.br

Parintins. Para isso, descrevo e reflito sobre minha própria trajetória pessoal e profissional, pois minha família tem origem em comunidades rurais, onde lecionei. Através desse relato, quero compartilhar um pouco de minha experiência no ramo da educação que iniciou quando ainda era estagiária no 8º período de história.

A comunidade de São José do Paraná do Espírito Santo de Cima localiza-se na área de várzea, na zona rural do município de Parintins/Amazonas. Situa-se na margem direita do Rio Amazonas e se distancia da sede do município em 2 km de distância.

Figura 1 - Mapa Pluvial da comunidade do Espírito Santo. Disponível em: [http<pt.wikipedia.gov >](http://pt.wikipedia.gov)



Por ficar do lado oposto da sede do município de Parintins para chegar até à comunidade é necessário usar um transporte marítimo, tendo em vista que a mesma é localizada na margem da maior bacia hidrográfica do mundo, o caudaloso Rio Amazonas. O tempo de viagem de uma embarcação mediana é de 1 hora. Já em uma viagem de lancha, o tempo é aproximadamente 10 minutos.

É uma comunidade formada por aproximadamente 60 famílias e que tem como fonte de renda, o pescado (tanto de peixe, como do camarão) e o plantio de verduras, hortaliças e de frutas. Suas terras são inundadas pelas águas do Rio Amazonas na época de enchente e usa-se para o plantio na vazante.

Figura 2 – Escola Gláucio Bentes Gonçalves situada na comunidade de São José do Paraná do Espírito Santo de Cima. Disponível em: [http< reporterparintins.com.br>](http://reporterparintins.com.br)



A comunidade, justamente por estar situada em área de várzea, tem um solo muito rico em nutrientes que é usado para o plantio de hortaliças, verduras e das plantas de safra, (melancia, melão, feijão, milho, macaxeira, jerimum, maxixe, pepino e outros...), cultivadas no período da seca e que em poucos meses podem ser colhidos. As plantações e a pesca trazem fartura para a mesa das famílias ribeirinhas que lá vivem.

O período de inverno na região começa aproximadamente no mês de janeiro e se estende até junho com chuvas fortes, relâmpagos, trovões, ventanias e frequentemente com a cheia do rio, que invade as casas próximas às suas margens, ocasionando o deslocamento temporário dos moradores.

No período das enchentes do rio, a população ribeirinha fica impossibilitada do deslocamento por terra, pois o chão barrento alaga. Os ribeirinhos utilizam marombas⁴ para transitarem em suas casas e na comunidade. Os espaços das brincadeiras das crianças limitam-se ao rio, às marombas e às embarcações.

Minha jornada teve início em 2010 na Comunidade do Paraná do Espírito Santo de Cima zona rural de Parintins, área de várzea do município. Tudo começou quando houve a necessidade da contratação de uma pessoa para substituir uma funcionária que estava sendo removida para trabalhar em Parintins, e geralmente quando aparece oportunidade de emprego nas comunidades rurais a prioridade é para quem é “filho da terra”, nesse caso eu seria a opção para preencher essa vaga já que minha família toda era oriunda daquela localidade e, também, pelo fato de estar no último período da faculdade.

⁴ Pontes de madeira

Ao me reportar que a preferência para assumir o cargo de professor contratado é para os filhos dos moradores dessas comunidades, isso ocorre devido: a pessoa já estar adaptada à comunidade, com a rotina e o cotidiano dos comunitários. Se deve levar em conta, também, que os jovens que de lá saíram para vir estudar na zona urbana de Parintins, já possuem moradia na comunidade, e, que a falta de ‘casa do professor’, acaba sendo um problema a menos para o poder público. Outro fator importante, é que um jovem que volta para sua comunidade, depois de ter os estudos concluídos, e vencido todas as dificuldades, serve de exemplo para outros jovens que vivem na zona rural, e que muitas vezes se sentem incapazes de continuar os estudos, temendo as dificuldades que terão que enfrentar.

Silva e Souza (2014), abordam em sua pesquisa intitulada “Salas Multisseriadas - Um olhar sobre as práticas educativas” o relato de uma comunitária de uma escola do campo do estado da Paraíba, que nos ajuda a pensar os dilemas da Educação dos ribeirinhos das comunidades de Várzea no Amazonas, foco da presente pesquisa e que diz:

A escola que eu sonho para minha comunidade, pros meus filhos, é uma escola onde houvesse uma pessoa da própria comunidade, uma pessoa que já lutou, que sofreu, que sabe o que é viver na vida, que ensinasse essa mesma vida. Não pessoas que vem do outro mundo, que tem outra visão, que professam outra realidade para misturar com a realidade do campo. Porque a educação tem que começar de casa, da família, da vivência, do nosso dia a dia. E ela tem que resgatar a história, a nossa história. Uma escola que resgate a nossa cultura, as nossas brincadeiras. Eu sonho com uma escola aqui, uma fila de criança, tudo brincando como se fosse no meu tempo passado (SILVA E SOUZA, 2014).

Lendo este trabalho, analisei a fala desta comunitária entrevistada no estado da Paraíba e comparei seu relato às conversas informais com os comunitários com quais partilhei as experiências de dar aula na várzea, uma vez que querem preservar suas histórias, hábitos, costumes, cultura, religião e estilo de vida para as futuras gerações. Isso é possível, na visão deles, se a educação de seus filhos for direcionada por um professor, “filho da terra”, que preserve a história da comunidade.

As populações que moram nas áreas de várzea convivem com o avanço das águas em época da enchente dos rios. Sabemos que a várzea é uma área alagadiça e que, em determinado momento do ano, é invadida pelas águas. Na várzea só se cultiva as plantações de ciclo curto como a melancia, o feijão, o milho, as hortaliças e verduras. Apesar da dificuldade dos ribeirinhos da área de várzea, em ter sempre que mudar de lugar por causa do avanço das águas do Rio Amazonas, não se pode negar que as terras de várzea são muito promissoras, quanto ao cultivo das plantações de época, e seus rios muito fartos, ajudando as

famílias a se manterem nestes locais que além de plantar para si, também abastecem a cidade com seus produtos de cultivo e pesca. Bennatti (2011) caracteriza com muita precisão as terras de várzea e assim descreve:

Os Rios da Amazônia estão sujeitos a um período de enchente, momento no qual a água transborda dos seus leitos e invade as áreas marginais, inundando-as em diferentes graus de intensidade. As áreas marginais inundadas, periodicamente pelas águas dos rios, lagos, igarapés, paranás e furos é que iremos denominar de terreno de várzea. A várzea é um fenômeno natural que sofre influência de fatores, hidrográficos, climáticos, edáficos e florísticos. Devido a esses fatores, e à variável de tempo de permanência de inundação em cada área, têm-se características ecológicas e de uso dos recursos naturais distintas para cada região da Amazônia (BENNATTI 2011).

Já a chamada “terra firme” é mais elevada em relação àquela de área de várzea e tem a mata diferenciada. Mesmo que as águas avancem, a terra firme não alaga e, portanto, pode-se fazer o cultivo de ciclos mais longos. As comunidades que se localizam na “terra firme” vivem o problema do acesso à água (tanto para alimentação, para o cultivo quanto para o transporte) e, por estarem mais próximas às matas densas, são mais propícias para a caça. A carne de caça é uma opção de alimento para as famílias que residem nestes lugares.

Tanto as escolas de terra firme, como as escolas de várzea possuem suas especificidades, e por isso, têm calendário diferenciado, justamente por causa da subida das águas. A várzea não tem o início do ano letivo no mesmo período da terra firme. Isso acontece, porque quando a enchente é grande, parte das famílias da área de várzea migram para a terra firme, ficando as comunidades submersas pelas águas dos rios.

II. A experiência de ser professor em escola de várzea

Eu já havia realizado trabalho voluntário na comunidade e sempre estive a disposição da mesma. E isso de alguma forma cativou os moradores de lá. É claro que são situações bastante diferentes, você aprender na teoria uma coisa e viver a prática é outra, no meu ponto de vista muito distante daquilo que imaginamos quando estamos na sala sentados em uma cadeira apenas com observadores e depois tornar-se o mediador principal diante de pessoas que estão ali em busca de conhecimento e cumprir verdadeiramente como o papel ao qual lhe foi concedido, no caso, de professor.

Lima (2012, p. 39) afirma que não nos tornamos professores da noite para o dia. Pelo contrário, vamos construindo essa identificação com o exercício da profissão no decorrer da vida, tantos pelas experiências exitosas, quanto pelas negações de modelos. Não há como negar que a formação inicial contribui para o aperfeiçoamento da prática em sala de aula. É um dualismo que se completa. A teoria não funciona sem a prática, nem tão pouco, o inverso. A teoria estudada na Universidade é capaz de munir o acadêmico e futuro profissional de conhecimentos que são imprescindíveis para a prática. Já a prática de sala de aula, coloca o professor num cenário complexo, rico de informações e à frente de inúmeras situações que surgem no dia a dia da escola. E isso é importante, pois ajuda a constituir saber docente, seu histórico profissional e sua caminhada.

Foi uma enorme surpresa quando recebi a proposta para trabalhar como professora na comunidade, pois a responsabilidade seria dobrada, embora fosse apenas 3 meses, eu não sabia o que de fato me esperava ali com relação à sala de aula, mas precisava daquele emprego e resolvi aceitar.

O deslocamento até a comunidade se dá pelo meio de transporte fluvial que é um dos principais usados pela população ribeirinha. A comunidade do Paraná do Espírito Santo de Cima fica a 4 km em linha reta de Parintins, 14 minutos de lancha e 1 hora de barco regional. Uma das primeiras dificuldades a ser enfrentada por mim, foi a questão do distanciamento que haveria entre eu e meu filho de 2 anos de idade, pois teria que deixar o mesmo em Parintins durante o período de trabalho, passando a vê-lo somente nos finais de semana quando a escola não tinha programação, o que era bem difícil pois uma das exigências também dos comunitários é que os professores enviados para lá fossem participativos na vida social da comunidade.

Meu contrato foi assumir uma turma com alunos de 5º, 6º, 7º, 8º e 9º ano em sala multisseriada⁵. A escola era de madeira com 2 salas de aulas, corredor, uma pequena sala que funcionava como secretaria e uma cozinha, contava com mais dois anexos separados onde

⁵ As salas multisseriadas são comuns em escolas da zona rural no Amazonas. O Governo do Estado defende esse sistema, que junta numa única sala alunos em diferentes níveis do ensino, como uma forma de “adaptação” à realidade amazônica. Pode-se encontrar, por exemplo, uma sala com crianças do primeiro, segundo, terceiro, quarto e quinto anos. Geralmente as salas multisseriadas são acompanhadas por um único professor, que não consegue ser especialista, obviamente, em todas as disciplinas. Já os críticos dizem que é uma forma do Governo do Estado contratar menos professores para a zona rural e afirmam a perda da qualidade de ensino (MEDEIROS, 2017, p. 108).

funcionava a sala do maternal e outra onde funcionava a sala do Programa Mais Educação⁶ onde se guardavam os livros, materiais esportivos e alguns utensílios do canteiro sustentável⁷.

Cresci e aprendi durante minha vida escolar nesse sistema de turmas multisseriadas, mas nunca havia parado para refletir sobre as necessidades dos alunos e dificuldades enfrentadas pelo professor nesse ramo em dominar a sala e trabalhar o conteúdo. Só pude compreender um pouco mais quando realmente fui à campo.

Meu primeiro dia de aula foi para conhecer as turmas as quais eu conduziria a partir daquele momento. A primeira barreira a ser encontrada nas turmas tanto de 6º até 9º ano, foram de alunos silábicos⁸, pois os mesmos tinham avançado de série e não conseguiam ler. Daí meu questionamento, como aqueles alunos conseguiam assimilar os assuntos repassados? Para mim aquele era um dos principais desafios a serem encarados, porque de repente passou um filme na minha cabeça de como eu ajudaria os mesmos nessa questão, ou como trabalharia os assuntos com eles se mal conseguiam escrever seus nomes. Para mim, não bastava só as crianças passarem de uma série para outra, mas o que de fato estavam aprendendo dentro de uma sala de aula.

Assim foram-me repassadas as propostas curriculares a serem trabalhadas com as turmas. o segundo momento foi aceitar de fato as disciplinas as quais couberam a mim: Matemática, Ciências e Artes. Como assim matemática? Uma disciplina a qual tive tanta dificuldade durante o Ensino Fundamental e que não pude ter tanto aproveitamento com relação à ela. História passou longe dessa vez, mas seria então algo a ser superado naquele período enquanto estivesse com eles. Naquele momento eu teria que começar do nível zero com os alunos no campo da Matemática com pelo menos o básico das contas de adição,

⁶ O Programa 'Mais Educação' era financiado pelo Governo Federal e tinha como objetivo oferecer diferentes possibilidades de aprendizagem para o aluno através de Oficinas, no contraturno das aulas regulares. Entre as muitas oficinas, havia a complementação curricular através de aulas de reforço de Língua Portuguesa e Matemática, que eram obrigatórias. Ainda disponibilizava recursos para compra dos materiais para realização das oficinas e, também, gratificava os monitores do programa. O 'Mais Educação' foi muito bom para o aprendizado dos alunos, que ficavam grande parte do dia envolvidos com as atividades escolares.

⁷ O Canteiro sustentável era uma das oficinas realizadas pelo Programa Mais Educação. Nesta oficina, os alunos vivenciavam na prática a Educação Ambiental. O desenvolvimento das práticas sustentáveis iniciava com palestras e reflexões sobre a preservação do meio ambiente, fato que culminava com o cultivo de legumes, verduras e hortaliças, que eram plantadas pelos monitores do programa e alunos que participavam das oficinas no contraturno das aulas regulares. A colheita do Canteiro sustentável servia de complemento da merenda escolar servida aos alunos.

⁸ Existem diferentes níveis da alfabetização. E embora os alunos já estivessem cursando as séries posteriores à alfabetização, muitos ainda não dominavam as habilidades da leitura e da escrita fluentemente. Alguns alunos, estavam no Nível Silábico, demonstrando pouca consciência fonológica, com muita dificuldade na escrita e leitura das palavras escritas com as sílabas complexas (exemplo: 'vra', 'dra', 'cra' entre outras).

subtração, multiplicação e divisão quanto no Português como a questão da leitura, para poder assim avançar os demais níveis de conteúdos propostos.

Na minha experiência como professora, por se tratar de uma comunidade da área de várzea, aprendi muito com suas singularidades. E por ser com turmas multisséries, era ainda mais desafiador. As classes multisseriadas são ricas em experiências pessoais e profissionais. Ao mesmo tempo nos leva a refletir sobre a qualidade do ensino. Neste sentido, Hage (2006) diz:

No caso da condução do processo pedagógico, os professores se sentem angustiados quando assumem a visão da multisséries, e tem que elaborar tantos planos e estratégias de ensino e avaliações diferenciados quanto forem as séries reunidas na turma (HAGE, 2006, p.04).

Em concordância com o autor, percebe-se que é muito desafiador para o professor da das salas multisseriadas conduzir o aprendizado de seus alunos, atendendo muitas séries numa única sala de aula, em um único horário. Além do desnivelamento das séries, existe o desnivelamento de aprendizagem dentro das séries específicas, além disso, em determinadas comunidades rurais, o professor ainda deve zelar pela manutenção da escola (limpeza) e fazer a merenda escolar. Nesse sentido, acredito que para este profissional atuar com sucesso numa sala multisseriada, além de uma boa capacitação, deveria ter muitos materiais de apoio e aparato didático para auxiliar o trabalho docente e para que seus alunos tivessem mais possibilidade de aprendizagem.

Nossa sala de aula era muito simples, cadeiras simples, um quadro branco e dois ventiladores que não funcionavam. Nessa sala tinha um armário de ferro ao qual guardava os equipamentos do Ensino Tecnológico⁹ que funcionava durante a noite com os alunos da comunidade e, também, com os alunos da comunidade da Brasília, que fica próximo à comunidade do Paraná do Espírito Santo de Cima. Em um compartimento da sala tinha um local que funcionava como cantinho da leitura, com uma prateleira cheia de livros de

⁹ O Ensino com mediação tecnológica é uma modalidade que oferta o Ensino Médio e é gerenciada pela Rede Estadual em parceria com a Rede Municipal, pois usa a estrutura física das escolas municipais nas comunidades rurais onde não tem escolas estaduais. Nesta modalidade, a aula é transmitida por vídeo pela televisão. As videoaulas são televisionadas pelo sistema IPTV que transmite o sinal da TV por internet. Além dos professores que ministram as aulas pelo sistema IPTV, há os alunos que são acompanhados por professores presenciais que mediam as demandas que ocorrem durante a transmissão e que também são responsáveis pela rotina das aulas.

literatura disponíveis para os alunos onde os mesmos quase não utilizavam e quando pegavam os livros era pra ver gravuras as quais lhes chamavam atenção.

A segunda sala dos alunos de 8º e 9º ano também tinha os mesmos traços, a parte física da escola, apesar de simples, ajudava no acolhimento aos alunos. Eu tinha realmente pouco tempo para trabalhar com aquelas crianças, o que me causou um certo desespero e vontade de desistir, e o tempo que eu teria não seria o suficiente para deixá-los 100%, mais pensava em pelo menos tentar mudar um pouco a trajetória das coisas por ali.

Minha primeira preocupação no momento seria como chamar atenção dos mesmos a se dedicar um pouco mais nos estudos pois já que nossos recursos por ali eram limitados e como procurar entrosar os pais nesse contexto para que realmente pudéssemos ter uma parceira de comunidade e fazer com que eles entendessem que o papel da educação ou do incentivo para com as crianças viria também da parte da família e não só da escola como eles pensavam.

A educação não se faz somente entre alunos e professores e sim com o engajamento com a família também incentivando os mesmos a querer que a Educação de alguma forma mudasse o seu destino. Foi aí que comecei a elaborar estratégias para trabalhar com eles. Diante dessa barreira comecei a passar noites na varanda de casa pesquisando através do celular o assunto a ser trabalhado em sala de aula, já que eu não entendia tanto assim sobre a disciplina da Matemática e suas adversidades, e aí vinha o caso de trabalhar as quatro operações básicas com eles para que pudessem avançar. Como poderiam entender sobre raiz quadrada se a maioria não sabia tabuada? Então começamos a estudar tabuada juntos, estipulei para que eles estudassem duas casas diferentes por dia de cada operação, mais para isso precisei primeiro de uma conversa amigável e bastante incentivo para que pudessem mudar aquela situação.

Essa estratégia foi usada nas quatro turmas, então no final de cada tempo de aula 1 hora antes era nossa obrigação dividir a turma e começar uma grande “disputa” na tabuada para ver quem realmente tinha estudado. Passamos pelo primeiro dia, segundo dia e terceiro dia na mesma rotina no final das aulas, no quarto dia em diante a estratégia começou a dar certo. No decorrer do percurso do nosso caminho até a escola que seria pelo transporte escolar, eles juntavam-se em grupos para estudar a tabuada até chegar à escola naquele espírito de disputa com os colegas e assim foi possível elogiá-los pelo ótimo desempenho.

Começaram a se tornar competitivos entre si, de uma forma saudável, e aquilo me deu de certa forma um alívio e orgulho deles por estarem se esforçando.

Os desafios da Educação em comunidades rurais no Amazonas são enormes, pois os alunos quando já atingem certa idade de 12 anos em diante eles já ajudam nas despesas e trabalhos de casa, ou seja, no sustento da família, e as meninas no trabalho doméstico.

Outro fator também é a questão do deslocamento até a escola, embora tenha transporte escolar há lugares de difícil acesso como é o caso do “Parananzinho”, uma área que fica atrás da comunidade do São José que durante o período que vai enchendo, é livre o acesso do transporte até o porto do aluno, mas no período da seca, limita-se pelo fato de secar completamente a passagem impossibilitando assim a entrada do barco até o porto dos alunos, então estes têm que seguir o trajeto a pé até chegar a beira do rio onde o barco espera pelos mesmos para trazê-los até a escola. E durante esse percurso a pé até chegar ao destino, os discentes enfrentam caminhos com muitos obstáculos como, por exemplo, animais peçonhentos tipo cobra. Para tentar amenizar o perigo, os pais se reúnem e fazem puxirum para limpar o caminho para as crianças passarem. Então para vencer tudo isso é preciso ter muita força de vontade mesmo.

Abordando as dificuldades na área educacional das comunidades rurais, Soares (2015) faz uma reflexão sobre a prática docente, bem como os desafios encontrados no exercício da prática. A autora que focou seus estudos na mesma comunidade, onde relato minhas experiências, cita em sua obra que poucos estudos têm destacado as experiências do fazer docente em comunidades ribeirinhas da Amazônia, e foca na reflexão sobre o lugar dos sujeitos na percepção ribeirinha, bem como o modo de vida, os saberes e suas relações com as práticas educativas. Nesta assertiva, Soares contribui falando das muitas faces da Amazônia, (ou das Amazônias), se referindo às múltiplas especificidades de cada lugar e, assim, assegura:

Não há uma única identidade, e nem uma única Amazônia, mas identidades e Amazônias. Tal afirmativa, pode ser justificada pelo fato de existirem diferentes modos de vida, diversidade, simbologias, e processos sociais com especificidades rurais múltiplas e complexos cenários de espaços e situações de vida.

Há muitas práticas sociais comuns em contextos como estes, que são vinculados à interatividade dos sujeitos habitantes das águas, à vida imbricada com a terra, com a floresta, e até a forma como se relacionam com as áreas urbanas do lugar (SOARES, 2017, p 165)

Concordamos com a autora quando diz que não existe uma única identidade para os povos da Amazônia, porque cada lugar tem seu modo de vida, diversidade, simbologias, bem específicas, com cenários específicos também. Assim como existem práticas comuns nesses determinados grupos, que se relacionam com a natureza e precisam dela para sobreviver.

Esse modo diferente e peculiar de viver de cada localidade é que faz cada comunidade rural única, pois o modo de viver, a cultura, a religiosidade daquele grupo, é algo comum entre eles. E o professor, deve se envolver nestes eventos, pois é isso que os comunitários esperam. O professor com este perfil acaba tendo a aprovação da comunidade, e isso melhora a relação do professor com os comunitários, e acaba por influenciar o desenvolvimento do trabalho docente.

Se tratando da estratégia usada para que os alunos pudessem se dedicar mais aos estudos, estava funcionando, e isso me deixou feliz, porque a partir dali já poderíamos prosseguir com os demais assuntos com mais facilidade sabendo que o caminho básico da Matemática estava sendo formado.

Em português, também não foi tão diferente, comecei a utilizar os livros de literatura que estavam nas estantes para começar a incentivar a leitura nos mesmos, mostrei para eles vários tipos de livros e pedi a eles que escolhessem um para a nossa leitura semanal, então todos os dias uma hora antes do término da aula, fazíamos uma roda e pedia que os mesmos prestassem atenção no que seria lido a partir daquele momento, então começamos uma aventura através da leitura.

Escolhi o livro *Os Miseráveis*¹⁰ para começar a ler para eles. Líamos um capítulo por dia ou até onde nosso tempo permitisse, e novamente tive êxito nessa estratégia, no final da aula quando o sino tocou para irmos para casa ouvi aquela exclamação dizendo: “aaah”! Sim, realmente a leitura, a história a qual estavam ouvindo de repente se tornou interessante e teve significado para eles. Foi dali que despertou o interesse em querer saber o que havia nas páginas daqueles livros que somente tinham sido folheados às pressas para ver se tinha alguma imagem bonita que chamasse sua atenção.

¹⁰ O livro *Os Miseráveis* é uma obra do autor Victor Hugo publicada pela primeira vez em 1862. Trata-se de um clássico que agrega fatos e ficção. A obra retrata a questão política e social desencadeada pela Revolução Francesa, sendo um marco do Movimento Literário do Romantismo. Por meio do protagonista, Jean Valjean, o romance faz crítica da sociedade francesa da época, desde a desigualdade social, discorrendo sobre os dilemas pessoais de cada indivíduo no emaranhado da trama. Para mais informações sobre a obra consultar [http < \[www.guiaestudo.com.br/os-miseraveis\]\(http://www.guiaestudo.com.br/os-miseraveis\)>](http://www.guiaestudo.com.br/os-miseraveis).

Então no final de cada aula era uma expectativa criada para saber o que mais acontecia com os personagens daquele cenário. Quando acabamos de ler aquele livro, peguei os demais livros que estavam na prateleira e ofereci aos mesmos para que pudessem levar para casa e ler também um pouco durante seu dia, e cada vez que eles chegavam vinham comentar algo a respeito do que estavam lendo e aprendendo. Claro que não foram todos que leram, 100% dos alunos, como eu gostaria, mas aquilo já era um avanço.

Muitos alunos liam apenas decodificando os símbolos, as palavras. Liam as palavras, mas não liam o mundo, não compreendiam o contexto, não conseguiam realizar a interpretação do texto. Não possuíam fluência de leitura. Isso decorre pela falta da leitura como hábito e às vezes nós professores, nos preocupamos tanto em cumprir uma proposta curricular com um número grandioso de conteúdos e em dar conta de cumprir os planejamentos mensais e anuais, que esquecemos que habilidades tão importantes quanto a leitura estão ficando para trás, não estão sendo feitas rotineiramente na sala de aula. Então ler mesmo que um pouco em sala de aula, já é um pequeno avanço para os alunos que não tem o hábito de ler. Muitos ainda se sentem tímidos e não conseguem fazer a leitura. Outros conseguem ler, mas não interpretam e não produzem textos.

É aí que entra a questão do professor não ser só um mero repassador de conteúdo e cobrar e cobrar sem entender o que se passa na realidade do aluno, logo não é só um professor, e sim um amigo que para ouvir, um pai/mãe que usa de seus conhecimentos e experiências para dar conselhos e até médico para lhes dizer o cuidado que devem ter consigo mesmo.

Nesse intervalo de tempo me deparei com a situação de um aluno que discutiu com a tia que era também sua professora, e que o mesmo quis bater nela. Confesso que aquilo pra mim foi um choque porque nunca tinha me deparado com tal situação, e no outro dia fiquei receosa de voltar à sala que o mesmo frequentava, pois as pessoas diziam que ele usava droga e era uma pessoa extremamente violenta quando ficava com raiva e não respeitava nem os pais dele dentro de casa, mas como tinha um dever a cumprir fui mesmo assim, então tive que fingir que não sabia de nada para não demonstrar medo ou até mesmo constrangê-lo perante os colegas.

Ao adentrar a sala de aula, notei que ele estava afastado dos colegas, mas também não procurei conversar com ele, somente na hora do intervalo quando todos saíram e ele não quis acompanhar os colegas na merenda é que pude me aproximar e tentar conversar. Ele

disse que não gostava quando as pessoas ficavam gritando com ele, pois em sua casa o pai bebia e brigava com a mãe e quando ele vinha para a escola era para tentar se distrair um pouco. Falei que entendia o que ele estava passando, mas que não era motivo pra querer agredir as pessoas. E pedi que ele pedisse desculpa, pois além de professora ela era sua tia, e no dia seguinte assim foi feito. Era preciso ter paciência para lidar com várias situações adversas pois não agimos por força e nem por violência e sim a base do diálogo.

Cada passo que eu dava juntamente com os alunos se tornou um motivo de vitória tanto para mim quanto pra eles e seus pais que passaram a observar e a incentivar mais a frequência de seus filhos no ambiente escolar. Nos finais de semana quando não havia aula e quando não dava para vir até a cidade ver meu filho era o momento em que eu aproveitava para fazer parte de certa forma com eles nas programações da comunidade através do futebol, após o futebol, fazíamos uma roda de conversa e aproveitávamos para trocar relatos de experiência e confesso que de certa forma se tornava para mim um momento crucial onde eu parava pra ouvir suas histórias e conhecer ainda mais quem eram aquelas pessoas as quais faziam parte do meu cotidiano. Daí entrava a parte do conselho, tentando sempre mostrar para eles que através das dificuldades poderíamos ter um grande aprendizado e logo incentivá-los a querer mudar a situação presente enfrentada por eles.

Aos domingos comecei a envolvê-los mais nas atividades eclesiais da comunidade através do canto e da leitura na Igreja¹¹, inclusive com o passar do tempo formamos um coral ao qual mais tarde se apresentaria em datas comemorativas para toda a comunidade e o que certa forma despertou o orgulho em seus pais, então o número de jovens se envolvendo nesse meio tornou-se significativo para a comunidade e seus familiares.

Na segunda feira retornávamos às nossas atividades normais. Em Matemática tive que reaprender juntamente com os alunos assuntos aos quais não lembrava mais e outros que realmente não tive capacidade de aprender no momento em sala de aula quando o professor tentava nos repassar, e ali tive a oportunidade de pesquisar e obter mais conhecimento na área. Daqui a pouco, a raiz quadrada tornou-se algo prazeroso tanto para eles quanto pra mim, pois a cada atividade todos se esforçavam para serem os primeiros a terminar e ganhar os parabéns e

¹¹ O padroeiro da Comunidade é São José que é festejado inicialmente no dia 19 de março. Os comunitários fazem a novena que antecede o dia do Festejo, ficando sempre para o final de semana o dia da grande festa. A Festa do Padroeiro São José é o maior evento sociorreligioso e cultural realizado pela comunidade. Com diversas atividades religiosas como novena, batizado, crisma, casamentos, confissão e missa. Há, também, a parte cultural com sorteios, bingos, leilões, desfiles das bonecas, torneio de futebol e festa dançante. O evento reúne um público bem grande de pessoas advindas das comunidades circunvizinhas e até mesmo da sede do município.

até mesmo de mostrar que eles estavam aprendendo o conteúdo. Os que terminavam primeiro sempre procuravam ajudar os que ainda tinham dificuldade, e aquele gelo do individualismo dentro da sala de aula foi quebrado e logo nos tornamos uma família aprendendo e vencendo os desafios todos os dias.

O trabalho docente é cheio de desafios nas escolas ribeirinhas da área de várzea devido à subida das águas que deixam as comunidades submersas mudando tanto o cenário físico da comunidade, como o cenário educacional dos alunos. Apesar disso, não podemos dizer que a docência nessas escolas seja frustrante, pelo contrário é muito encorajador para uma professora “filha da comunidade”. Essa experiência é gratificante, é motivadora.

Poder contribuir para a continuidade dos valores, dos simbolismos, dos saberes da minha gente e repassar esse conhecimento a outras gerações, é bem compensador para minha vida como pessoa, filha dessa comunidade, como também, para a minha vida profissional. Então, reafirmo, que apesar de desafiadora as experiências docentes nas comunidades ribeirinhas de área de várzea acabam trazendo aos docentes “filhos da terra”, uma sensação de realização pessoal. É como se juntasse na nossa cabeça todo o cenário da luta para conclusão da graduação (que não é fácil, para o jovem rural) e finalizasse com o dever cumprido e com a sensação de que “eu venci”!

III. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É válido considerar que muitos dos desafios enfrentados na prática docente nas escolas ribeirinhas estão relacionadas diretamente a ausência do poder público, e, portanto, das políticas públicas direcionadas aos direitos fundamentais do cidadão, entre eles a “educação de qualidade” preconizada na Constituição Federal (1988).

Essa ausência do poder público se caracteriza quando o aluno não recebe livro didático, nem transporte escolar adequado, tem falta de merenda escolar, não tem professor em sala desde o primeiro dia do ano letivo, não tem uma escola com estrutura física adequada que ofereça comodidade aos alunos e professores, não possui material de apoio didático e pedagógico etc.

Analisando essa situação, Valle (2021) fala das dificuldades do material didático que muitas vezes é descontextualizado. A falta de materiais como livro didático e a rotatividade de professores são apontadas pelo autor como dificuldades do processo educacional dos alunos das escolas ribeirinhas. O autor defende a ‘pedagogia da alternância’, na qual o aluno divide o cotidiano escolar com a vivência comunitária, com a pesca, caça, com o regime das águas dos rios (enchente e vazante), com o plantio do roçado... e enumera vários fatores de diferentes ordens que fazem parte da vida dessas famílias e que influenciam diretamente na qualidade do ensino.

Muitas vezes nas comunidades rurais ocorre um saber hierarquizado pelos valores da cidade. Isso ocorre quando um professor não conhece a realidade da vida ribeirinha, adota um livro didático construído com base nas grandes metrópoles. Isso é, na prática, uma violação do direito dos ribeirinhos de aprender levando em conta seus conhecimentos e sua realidade. É como se sua vida, seus costumes, sua vivência não fossem referência para ninguém, inclusive para o próprio aluno, tendo que aprender sempre, a cultura do outro, a vivência do outro.

A autora Terezinha Fraxe (2001), busca em sua obra *Homens Anfíbios*, trazer para discussão a condição do homem ribeirinho, que alterna suas vivências tanto na terra quanto na água. Fraxe traz o olhar para esta singularidade do homem ribeirinho e de sua vivência como pescador, agricultor, extrator. A característica mais interessante destacada pela autora é a sua reprodução social que tem uma perfeita adequação com a natureza. Esse ribeirinho lavrador, extrator, pescador tem que sobreviver por muitos meses, todos os anos com as dificuldades advindas por suas terras ficarem submersas. Os ribeirinhos, que convivem com a natureza, como ‘homens anfíbios’ como propõe Fraxe, estão “fora d’água” socialmente porque desassistidos pelo Estado, inclusive na educação tanto da estrutura da escola, dos materiais didáticos, mas também do currículo escolar. O ribeirinho tem família, filhos em idade escolar, sonha ver seus filhos formados (linguagem usada por eles), e acima de tudo, é um cidadão brasileiro que também tem precisa ter seus direitos constitucionais garantidos.

Por isso, conclui-se que apesar dos desafios da prática docente na Escola Municipal Gláucio Gonçalves da Comunidade de São José do Paraná do Espírito Santo de Cima, espera-se que as crianças, adolescentes e jovens desta comunidade ribeirinha (como das demais) através da educação, tenham suas especificidades preservadas, que os valores da vida ribeirinha sejam considerados como saberes ricos e inseridos nos saberes amazônicos, e que estes saberes não sejam mais desqualificados e vistos como inferior. Ao contrário disso, esperamos que seus saberes sejam valorizados dentro da pedagogia da alternância. E que a

proposta da pedagogia da alternância não seja uma utopia, mas que de fato valorize os saberes dos alunos ribeirinhos, de forma que os desafios da prática docente sejam superados e os alunos ribeirinhos da área de várzea sejam melhor assistidos.

REFERÊNCIAS

BENATTI, José Helder. Várzeas e as populações tradicionais: A tentativa de implementar políticas públicas em uma região ecologicamente instável. In: **A função social do Patrimônio da União na Amazonia**, 2011. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br>. Acesso em 16 de abril de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, Senado. 1998.

FRAXE, Terezinha de Jesus Pinto. **Homens Anfíbios**. Etnografia de um Campesinato das águas. Editora Annablume: São Paulo. 2001.

HAGE, Salomão Mufarrej (org). **Educação do Campo na Amazônia. Retrato de realidades de escolas multisseriadas no Pará**. 1ª ed. Belém, 2006.

LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e Aprendizagem da Profissão Docente**. Brasília:Líder Livro, 2012.

SILVA, Cacilda Gonçalves da; SOUZA, Marta Suely Leal de. **Salas Multisseriadas: Um olhar sobre as práticas educativas construídas na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Ovídio Tavares de Moraes**. João Pessoa Paraíba, 2014.

SOARES, Maria das Graças Pereira et al. **Ser professor na escola ribeirinha: Reflexão sobre o trabalho docente na comunidade de São José, Paraná do Espírito Santo, Parintins-Am**. Anais VII FIPED...Campina Grande: Realize Editora, 2015.

_____ **As vozes da Infância ribeirinha na transformação da prática pedagógica da Educação Infantil**. PUC. São Paulo, 2017.

VALLE, Leonardo. **Escolas Ribeirinhas exploram cultura local no processo de aprendizagem**. Instituto Claro. Blog Educação, 15 de jul. 2021.